

PESQUISA FENOMENOLÓGICA EM PSICOLOGIA E PROBLEMAS ÉTICOS

Mauro Martins AmatuZZi – PUC-Campinas

Karine Cambuy – PUC-Campinas

Bruna Fenocchi Guedes – PUC-Campinas

Thais de Assis Antunes – PUC-Campinas

Resumo

Apresentamos aqui uma introdução à pesquisa em psicologia fenomenológica seguida de reflexões éticas acerca dessa modalidade de pesquisa. Procuramos caracterizar a fenomenologia como um movimento filosófico inicialmente para situar em seguida suas relações com a fenomenologia. Trazemos exemplos de pesquisas em psicologia fenomenológica a partir dos quais seus aspectos éticos podem também ser discutidos.

Palavras Chaves: Fenomenologia, Pesquisa Psicológica, Ética.

Abstract

An introduction to research in phenomenological psychology is presented, followed by ethical reflections concerning that research modality. Phenomenology is characterized as a philosophical movement initially. The phenomenology relationships with psychology are clarified. Three researches on phenomenological psychology are presented and discussed in its ethical aspects.

O QUE É FENOMENOLOGIA

Entendemos por fenomenologia um modo de se fazer filosofia. E por modo: caminho, jeito de fazer. Se método for entendido assim, então a fenomenologia é um método. Mas método pode significar algo mais restrito: um dos diversos caminhos possíveis para se chegar a um lugar já previamente definido. E nessa acepção mais restrita, a fenomenologia não será apenas um método pois ela propõe coisas não só sobre o caminho, mas também sobre o lugar onde se quer chegar.

Um olhar histórico sobre isso ajuda a esclarecer o que queremos dizer. Husserl, o fundador do movimento fenomenológico, tinha diante de si duas respostas para o problema do conhecimento humano. 1) De um lado a ciência positiva, baseada em fatos e em verificações de fatos. Essa resposta já estava trazendo belos frutos que se expressavam nas fabulosas máquinas inventadas pela tecnologia: como consequência da ciência, a vida humana do dia-a-dia estava mudando bastante. 2) De outro lado a filosofia. E aqui as coisas eram mais caóticas. Cada cabeça uma sentença. Cada filósofo uma proposta. E a dificuldade de se encontrar um critério objetivo que permitisse discernir o que era válido e o que não era. Como consequência uma espécie de ceticismo generalizado ao menos no plano do discurso: não há a possibilidade de se chegar a uma verdade. O máximo que podemos fazer é comentar criticamente o que os outros disseram.

Pois bem, diante daquelas duas respostas Husserl foi tomando posição. Diante da ciência ele percebeu que, apesar de todo seu sucesso no desvendamento prático do funcionamento das coisas, ela deixava a desejar porque não trazia por si mesma uma resposta que satisfizesse a toda necessidade de saber do ser humano. A ciência ficava limitada ao âmbito permitido por seu método, que é o âmbito do empírico, do positivo, do imediatamente verificável. A questão do significado da realidade, do sentido do mundo, ficava fora do método científico. Poderíamos dizer, nessa linha de raciocínio, que no campo da psicologia a ciência mediu a inteligência, mas quando Binet foi perguntado sobre o que era inteligência, ele respondeu que era o que seus testes mediam. A partir disso, Merleau-Ponty dizia que a ciência

faz muitas afirmações sobre a realidade mas ela não sabe o que é essa realidade sobre a qual afirma coisas (Merleau-Ponty, 1973). E poderíamos comentar: com o avanço da ciência foi-se perdendo o sentido dessa realidade. Mas é esse esquecimento que está por trás do mal estar da civilização, e foi sobre isso que Husserl (2004) falou no seu texto sobre a crise das ciências européias. Ele estava interessado, então, em encontrar um caminho para se chegar a esse sentido esquecido, para além da ciência: um tipo de reflexão a partir da experiência comum que dissesse de quê a ciência está falando, como é essa realidade que se apresenta a nós. E isso não podia ser feito em laboratórios, pois lidar com o significado implica o ser humano.

Diante da filosofia algo parecido foi acontecendo. Numa linguagem mais psicológica expressaríamos assim a percepção de Husserl: se o homem pudesse considerar sua experiência na sua totalidade, mas abstendo-se de julgar se está certa ou errada, se é verdadeira ou não, ele poderia chegar a conclusões seguras sobre o conhecimento humano e seu alcance, e também sobre o mundo que é o pólo objetivo da experiência. Por esse caminho seria possível afirmar coisas, ter um acesso à verdade, desacreditar o ceticismo generalizado, ter uma base sólida para as discussões. A esse projeto Husserl chamou de filosofia científica, quer dizer, uma filosofia onde se pudesse discutir e ver claro sem ter que ficar reduzido a posições individuais indiscutíveis. Foi por ter aberto essa esperança (a possibilidade de um pensamento efetivo, a possibilidade de acesso a uma verdade que transcenda o relativismo de um ponto de vista), que logo se formou em torno dele um grupo de discípulos e um movimento.

Pois bem, a esse caminho de acesso que se aplica tanto à realidade da qual a ciência afirma coisas, como à realidade sobre a qual reflete a filosofia, Husserl veio a denominar de fenomenologia.

Que caminho é esse? Retiremos essa resposta do que ficou dito acima. É o caminho da consideração da experiência, abstração feita dos juízos que espontaneamente somos levados a fazer sobre seu acerto ou não, ou sobre sua verdade. Esses juízos que espontaneamente somos levados a fazer correspondem ao que Husserl denominou de atitude natural. Naturalmente ao considerar a experiência humana afirmamos a realidade a que ela se refere. Se por exemplo, estou vendo um ladrão roubando meu carro, imediatamente passo a tomar alguma providência a respeito disso (para me proteger ou para evitar o roubo). Ou seja, naturalmente transporto-me para a realidade. Se vejo um pássaro voando, naturalmente transporto-me para as características reais desse pássaro. À abstração dos juízos, à saída da atitude natural espontânea, Husserl denominou de redução. Se eu considerar a experiência sem me transportar imediatamente para a realidade, então terei mudado de atitude: da atitude natural para a atitude fenomenológica. É claro que os psicólogos iriam gostar disso: é assim que muitos deles trabalham. Eles ouvem o que a outra pessoa diz e, apesar de não se perguntarem se é verdade ou não, isso que ouvem faz um sentido para eles.

Normalmente ouvimos falar de “redução de” alguma coisa (do juízo de realidade, por exemplo). Mas o certo seria falar de “redução a”: redução ao que imediatamente se apresenta. E a isso que se apresenta chamou-se fenômeno: o evidenciar-se das coisas. Outra expressão de Husserl era: voltar às coisas mesmas. Mas essa volta que expressa a atitude fenomenológica não é volta às coisas como na atitude natural, mas volta ao que aparece na experiência, ao que é dado à consciência. Mas cuidado: não ao que está “na consciência”, mas ao que é dado “à consciência”. O que está na consciência é dado pela introspecção. E o que acontece aí é a atitude natural voltando-se para o interior da pessoa, seus pensamentos, sensações, afetos. Já o que é dado à consciência aparece com a atitude fenomenológica, com a redução. E quando tenho a consciência ou o conhecimento como objeto de minha consideração, uma primeira coisa que aparece é a intencionalidade. Toda consciência é consciência de algo, todo conhecimento é conhecimento de algo. Não existe consciência pura sem intencionalidade nenhuma, assim como não existe conhecimento puro sem intencionalidade nenhuma. Não existe afeto puro sem remeter a nada. Perceber que uma pessoa está com raiva não é perceber tudo que se passa com ela: para isso precisaria perceber também a que ou a quem essa raiva se dirige. Para Rogers (1977), a atitude empática do clínico o leva a entrar em contato não somente com o sentimento puro, mas com seu significado também. Isso equivale a dizer que a empatia capta o movimento intencional dos sentimentos.

Redução e intencionalidade são termos que ajudam a descrever o caminho para se pensar a realidade no qual se constitui a fenomenologia. Percorrer esse caminho é o mesmo que explorar a realidade e seu significado, considerando nossa experiência intencional.

Husserl escreveu coisas depois que podiam ser interpretadas como idealismo: a realidade está no pensamento. Muitos dos primeiros participantes do movimento fenomenológico debandaram nessa época dizendo que não era por isso que se haviam reunido ali, mas justamente pelo contrário: queriam um caminho real para a verdade, por mais difícil que fosse. Merleau-Ponty (1992) não concordou com isso e disse que não há propriamente idealismo em Husserl porque o mundo já está dado como pressuposto do próprio pensamento. E isso é manifesto se olho a consciência com uma atitude fenomenológica. A intencionalidade me restitui o mundo: isso não é deduzir o mundo, mas encontrar-se com ele, ver que ele sempre esteja lá.

Na experiência, olhada fenomenologicamente, aparece uma outra característica: o mundo vivido (*lebenswelt*), a experiência pré-reflexiva, o mundo que me é dado antes de eu refletir ou elaborar conceitos sobre ele. E esse mundo me é dado também socialmente: a intersubjetividade faz parte de sua construção.

Que mundo é esse? Podemos diferenciar a natureza (realidade objetiva) e mundo (que se dá na interação). Um outra característica da fenomenologia: com esse caminho não trabalhamos na relação sujeito-objeto, um exterior ao outro. Mas sim, no interior da polarização sujeito-objeto: aqui não há sujeito nem o objeto, como coisas separadas, mas a unidade da relação no interior da qual vivemos, trabalhamos, pensamos. Na verdade conhecer o mundo é conhecer nossa relação com ele, nosso estar nele. A realidade objetiva é uma abstração a partir do mundo vivido. O conhecimento mais verdadeiro está embutido em nosso estar e agir no mundo, e é daí que ele precisa ser explicado. Não podemos conhecer a realidade como algo que existe lá porque nós (que estamos aqui) somos parte dessa realidade. Fazer fenomenologia será um aprender com a experiência, mais do que aprender com experimentos.

A fenomenologia é, então, um modo de se pensar, um caminho que se abre para um pensamento confiável, capaz de transcender a relatividade individual; um pensamento passível de discussão e confronto, e não apenas um pensamento no qual se acredita ou não. E também um modo de se ir além das afirmações acerca do funcionamento das coisas e se chegar a um sentido mais profundo, a um significado. Esse modo se caracteriza pela consideração da experiência intencional no encontro das subjetividades envolvidas com o mundo.

FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA

Como entra nisso tudo a psicologia e particularmente a psicologia fenomenológica?

Exercendo o pensamento fenomenológico, vemos o mundo se desvelar em vários de seus aspectos. Primeiramente em geral (o que é o conhecimento, a consciência, o mundo), mas depois em vários setores da experiência (o que é cidade, afeto, sociedade etc). E aqui entra a psicologia como um desses setores. O movimento fenomenológico foi muito além de simplesmente debater os caminhos da filosofia. Ele se voltou para o esclarecimento do ser (Heidegger), dos valores (Scheler), do homem e da linguagem (Merleau-Ponty), dos estados de espírito ou estados mentais (Jaspers) etc. E tudo isso como exercício do pensamento filosófico pelo caminho fenomenológico.

Mas quando a fenomenologia estuda a imaginação (Sartre) ou a percepção (Merleau-Ponty) ou os estados da mente (Jaspers), por exemplo, ela está tomando como objetos de consideração os mesmos que a psicologia também considera, só que a psicologia o faz a partir de um enfoque empírico, através de mensurações, separando sujeito e objeto, e portanto não entrando na questão do significado humano dessas vivências. Nesse sentido a fenomenologia não é a psicologia mas uma reflexão sobre a realidade da qual se ocupa a psicologia. O vazio que se revela então na psicologia enquanto ciência busca seu preenchimento com outros enfoques científicos (sociologia, biologia etc); mas também por um enfoque filosófico (antropologia filosófica fenomenológica, que busca uma aproximação global ao fenômeno humano).

Ocorre porém que a abordagem fenomenológica em geral se revela útil até mesmo no interior do fazer psicológico. Não poderíamos construir um saber propriamente psicológico (orientado para a psicologia como ciência e profissão) pelos caminhos propostos pela fenomenologia? Isso já é feito a partir de dentro da filosofia como vimos. Este seria um primeiro significado de uma psicologia fenomenológica: uma psicologia construída do interior da filosofia como fenomenologia. Muitas práticas psicológicas foram levadas a efeito com base nesses estudos. Muitos psiquiatras iniciaram uma forma de exercício profissional inspirados nessa filosofia (Binswanger, Boss etc). Isso já vai além do que Husserl fazia, embora sem se contrapor a ele. Ele permanecia no campo da reflexão filosófica, mas não teria nada a opor quanto a isso.

No entanto hoje em dia, em alguns lugares, fala-se de uma psicologia fenomenológica num sentido mais restrito de um saber que se constrói e se exerce do interior não da filosofia mas a partir do interior da própria psicologia. Alguns autores trabalharam nesse sentido: Amedeo Giorgi e Joel Martins por exemplo. Eles propuseram não apenas uma fenomenologia psicológica, mas uma psicologia fenomenológica: esclarecimento dos sentidos das vivências subjetivas no interior da própria psicologia.

A diferença entre fenomenologia psicológica e psicologia fenomenológica está então em que a primeira se exerce do interior da filosofia e a segunda do interior da psicologia. Ambas consideram a experiência. Mas a primeira se volta mais para a *experiência comum*, tal como ela pode ser evocada a partir da reflexão por qualquer ser humano. A segunda se volta para uma *experiência específica e situada*, que recebe então um tratamento mais sistemático, nos moldes como se costuma fazer em ciência.

Em psicologia fenomenológica existe uma preocupação de aproximação ao mundo científico. Uma pesquisa aí deve começar com um encontro com o fenômeno nalguma situação concreta onde ele se manifeste. Isso corresponde à coleta de dados da qualquer pesquisa científica. Pode ser feito sob a forma de entrevistas, observação participante, pesquisa-intervenção. O pesquisador recolhe dados não apenas a partir de sua reflexão pessoal sobre sua experiência enquanto expressiva da experiência comum da humanidade (como acontece na fenomenologia filosófica). Recolhe dados sistematicamente, entrando em alguma situação previamente escolhida ou de alguma forma planejada. Desde o acesso a esses dados da experiência subjetiva ou a essas vivências, o enfoque já é fenomenológico. Mas o pesquisador sai de seu gabinete, sai de sua casa, vai para a situação onde possa se encontrar com o fenômeno, e de alguma forma anota, grava, registra em sua memória (e depois transforma em narrativas). Lá na situação ele pergunta, dialoga, questiona, observa, facilita o acesso do entrevistado à própria experiência subjetiva. E depois, em seu gabinete, ele tem um olhar analítico (de novo fenomenológico) sobre esses dados.

Na fenomenologia psicológica busca-se a experiência comum tal como o pesquisador pode se encontrar com ela a partir da reflexão de sua própria experiência. Enquanto que na psicologia fenomenológica busca-se a experiência específica, em manifestações concretas e situadas (mesmo que seja no próprio pesquisador). Husserl não pensou nessa psicologia fenomenológica, com essa concretude com a qual tem sido praticada em nossas academias no contexto de dissertações e teses de mestrado e doutorado na área da psicologia.

PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Seria válida essa psicologia fenomenológica? Conseguiria ela ir além de um arremedo de ciência? Que contribuição ela pode trazer para a psicologia e sua prática? Retornemos ao campo da psicologia propriamente dita.

As pesquisas e as práticas psicológicas seguem teorias diversas, nem sempre compatíveis. Essa diversidade pode ser simplificada, para o fim que nos interessa nessa reflexão, se falarmos de dois grandes pressupostos teóricos que embasam as diversas abordagens: o pressuposto determinista e o pressuposto da autonomia.

No pressuposto determinista o ser humano é pensado como algum tipo de mecanismo. Tudo que ele faz, assim como tudo que lhe acontece, tem uma causa determinante. A arte do atendimento consistirá em descobrir essa causa e intervir no sentido de modificá-la ou substituí-

la por uma outra. As causas determinantes das condutas humanas podem ser internas (além de um energia interna, cognições, representações sociais, motivações inconscientes, resíduos da história passada, por exemplo, dão a essa energia sua direção); ou externas (estímulos do meio ambiente físico ou social, isoladamente ou em configurações complexas, acionam e dão direção a uma fonte de movimento).

Dentro deste pressuposto do determinismo psicológico, o atendimento, para que seja sério, exige um olhar analítico da situação. Este olhar vem a se configurar como um *diagnóstico*. A partir dele, uma *estratégia de intervenção* é montada para dirigir a ação terapêutica para os fins visados.

As *pesquisas*, quando estão a serviço dessa forma de trabalho com pressuposto metodológico determinista, visam estabelecer ligações genéricas de causalidade (para esclarecer o que se passa nos casos particulares e orientar a intervenção), ou então visam quantificar a distribuição de determinado fenômeno num determinado campo (orientando as decisões no plano de uma política de saúde mental, por exemplo). Em ambos os casos são pesquisas voltadas para práticas de intervenção controladora. E quando se trata de *pesquisa básica*, elas ainda assim visam instrumentalizar a intervenção fornecendo-lhe uma base remota mais segura, ou então, e em qualquer caso, concebem o conhecimento nos moldes de um acúmulo de informações quantitativas (o que não deixa de ser um conceito nascido no contexto da busca de utilidade tecnológica de manipulação).

O pressuposto humanista da autonomia é diferente. Aqui o ser humano não é visto como simples resultado de múltiplas influências, mas como o iniciador de coisas novas. A pessoa não é vista principalmente como efeito de causas anteriores modificáveis, mas como um ser desafiado pela vida e chamado a responder criativamente. Isso quer dizer que se supõe que o ser humano tenha algum poder sobre as determinações que o afetam. O trabalho psicológico consistirá fundamentalmente em oferecer um contexto dialógico onde a liberação desse poder seja promovida. Apostase na autonomia crescente da pessoa e na fecundidade de uma relação humana honesta para promover essa autonomia. E a autonomia é entendida como a capacidade que o ser humano tem de orientar sua própria vida de forma positiva para si mesmo e para a coletividade.

Nessa perspectiva humanista o atendimento não se baseia num diagnóstico mas na afirmação de uma *tendência inata e criativa ao crescimento*, e não é concebido como uma intervenção direcionada a efeitos específicos, e sim como uma *relação libertadora* dessa tendência na pessoa. A qualidade dessa relação nesse contexto adquire importância capital, pois é a partir dela que a capacidade de ver claro e de orientar a própria conduta por parte da pessoa que se relaciona com o psicólogo vai se dando.

As *pesquisas* que estão a serviço desta forma humanista de atendimento são principalmente qualitativas, descritivas de vivências subjetivas buscando explicitar seus significados potenciais em relação a algum contexto, e habilitando o profissional com uma visão mais ampla do ser humano, pois é isso que o tornará mais apto a oferecer aquela relação libertadora. Quanto à *pesquisa básica* ela tenderá a fornecer uma base mais segura para um conhecimento de ser humano, e este conhecimento não é aí concebido principalmente como acúmulo de informações quantitativas mas como compreensão cada vez mais abrangente dos significados envolvidos. A pesquisa que está a serviço da postura determinista entende o progresso científico como acúmulo crescente e linear de informações, enquanto a que está a serviço da visão humanista entende o progresso científico como aprofundamento da compreensão de ser humano em si mesmo ou pela consideração de novos contextos históricos.

Na linha dos pressupostos deterministas a pesquisa fenomenológica seria apenas de ajuda indireta e secundária. Mas na linha dos pressupostos humanistas ela é essencial e primária. Nessa linha de trabalho as pesquisas quantitativas é que são de ajuda somente indireta e subsidiária. Poderíamos dizer que o tipo de pensamento mobilizado na pesquisa quantitativa, é de mesma natureza que o exercido na intervenção de pressuposto determinista. E paralelamente, o tipo de pensamento mobilizado na pesquisa fenomenológica é de mesma natureza que o exercido na intervenção de tipo humanista. Existe uma consistência interna nos dois modelos, envolvendo intervenção e pesquisa.

Essas considerações são sem dúvida válidas para a *fenomenologia psicológica*. Seriam elas também válidas para a *psicologia fenomenológica*? Creio que sim, se levarmos em conta alguns fatores que podem estar interligados. Em primeiro lugar, a prática psicológica pode requerer mais que esclarecimentos de fundamentos, e pedir elucidações maiores de experiências vividas em contextos bem específicos (para que o psicólogo esteja mais à vontade e seguro para se relacionar compreensivamente e criativamente com qualquer pessoa). Em segundo lugar, precisamos levar em conta que a profissão de psicólogo se constitui no contexto de uma formação científica (de fato é assim atualmente) e que ele trabalha basicamente ouvindo pessoas. É natural que as pesquisas partam de um ouvir, e um ouvir sistemático, concreto, específico (o que é próprio de pesquisas de *psicologia fenomenológica*), e não apenas um ouvir genérico, consultando a experiência comum a partir de si mesmo e trabalhando exclusivamente com generalizações naturalísticas (como seria próprio de uma pesquisa de *fenomenologia psicológica*). Nesse sentido a linguagem científica pode trazer contribuições válidas para a pesquisa, desde que o pesquisador não se deixe de tal modo absorver por ela que acabe por retornar ao modelo de pressuposto determinista.

ETAPAS DA PESQUISA

Consideremos agora os passos de uma pesquisa em psicologia fenomenológica (Amatuzzi, 1996).

- 1) Delimitar o objeto a ser estudado (o campo da experiência) e o tipo de olhar sobre esse objeto. Essa delimitação de objeto e olhar não é uma simples questão de escolha aleatória ou a partir dos vazios de conhecimento que aparecem nos boletins bibliográficos. Existe um grande trabalho de elaboração aqui. Boa parte da pesquisa consiste numa boa formulação do problema. Implica em encontrar um ângulo promissor para se pensar a questão.
- 2) O encontro real com o fenômeno na sua alteridade: equivale ao tradicional ir a campo. Imersão e convívio com o fenômeno. Aqui existem duas preocupações importantes: como vou facilitar aos entrevistados o acesso à sua experiência vivida; e como vou registrar esse meu encontro.
- 3) Já em seu gabinete o pesquisador precisa agora encontrar-se com o texto que revela o fenômeno. E o primeiro passo é obter uma visão de conjunto de todo material, ou sintonizar com o sentido global de todo esse material.
- 4) Em seguida ele deve buscar os eixos organizadores do significado do fenômeno em relação à questão trazida e que expressa o tipo de olhar que ele quer ter sobre o objeto.
- 5) A articulação desses eixos num texto unificado e consistente. Isso corresponde aos resultados da pesquisa, mas não ainda à conclusão.
- 6) Com os resultados “nas mãos” o pesquisador inicia a construção de uma compreensão (ou interpretação) mais profunda ou mais abrangente do fenômeno que é objeto da pesquisa. Essa construção do novo pode se basear em comparações com outros resultados de pesquisa ou com outros referenciais teóricos para ser mais abrangente, mas essas comparações (discussão de resultados) podem também seguir-se à construção da nova compreensão.
- 7) Finalmente, e não menos importante, é a comunicação da pesquisa: encontro vivo com a comunidade científica ou com outros públicos interessados (recriação da pesquisa no confronto com as experiências das pessoas presentes).

QUESTÕES ÉTICAS

Um verdadeira pesquisa em psicologia fenomenológica, por ser essencialmente mobilizadora envolve problemas éticos especiais, em duas dimensões.

Uma é a que decorre da necessidade de proteção das pessoas. É uma irresponsabilidade propor-se a fazer profissionalmente esse tipo de intervenção sem ter garantias de que tal mobilização só poderá ser boa para a pessoa, ou ao menos a garantia de que o profissional envolvido saberá lidar construtivamente com a situação. Em outras palavras, não podemos fazer eticamente uma intervenção mobilizadora a não ser que essa mobilização seja bastante

superficial, tocando em assuntos periféricos da estrutura de significados do sujeito, ou então seja uma mobilização proveitosa, isto é, voltada para o crescimento. Em ambos os casos a pessoa deverá saber em que está se envolvendo ao participar da pesquisa. E não apenas deverá saber, mas também deverá querer, é claro.

Se essa dimensão restringe a atividade da pesquisa ou da intervenção, advertindo sobre seus eventuais perigos, uma outra dimensão a amplia. Uma pesquisa avançada da subjetividade dentro do enfoque que aqui propomos (fenomenológico de tendência dialética) toma como foco uma questão nova ou um objeto olhado por um ângulo ou por uma visão nova. E essa novidade aqui tem a ver com uma necessidade cultural emergente. É como se a pesquisa dissesse: é hora de olharmos de outra forma para esses problemas se quisermos encaminhar soluções. Daí aliás a arte da escolha do objeto e da formulação do problema: toda relevância da pesquisa ou da intervenção vai depender da maneira como for colocada a questão, dos novos conceitos que se introduzem, da luz nova que é trazida já desde a formulação da problemática. Nesse sentido a ética não apenas evita riscos e perigos colocando limitações à pesquisa, mas nos obriga a que nos lancemos nesse movimento intersubjetivo e crítico que faz avançar a consciência. A pesquisa intervenção passa a ser um imperativo ético para um desenvolvimento cultural mais apropriado.

EXEMPLOS DE PESQUISAS

Algumas pesquisas têm sido realizadas de acordo com os pressupostos apontados anteriormente. Apresentaremos três pesquisas desenvolvidas recentemente para exemplificar este exposto. Os estudos foram realizados como exigência do curso de Mestrado em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas entre os anos de 2004 e 2005. Trata-se de estudos qualitativos que utilizaram o método fenomenológico como ferramenta para coleta e análise dos dados. Os exemplares das dissertações encontram-se na Biblioteca da Universidade onde foram realizados os estudos e futuramente serão publicados sob formato de artigo científico.

A primeira pesquisa apresentada será “Vivências de trabalho de Agentes Comunitários de Saúde em Campinas”, desenvolvida por Cambuy (2005). Este estudo teve como objetivo repensar a função de agente comunitário de saúde a partir da vivência particular de um grupo de agentes de um Centro de Saúde de Campinas, tanto em relação à sua dimensão institucional como em relação à sua dimensão comunitária. Os resultados apontaram para a importância deste profissional dentro do Programa Saúde da Família e as atitudes fundamentais para o desenvolvimento de seu trabalho. Percebeu-se o quanto à pesquisa fenomenológica foi mobilizadora tanto para os participantes como para a pesquisadora. O fato dos participantes abordarem temas de seu trabalho, a partir de suas próprias vivências, permitiu-lhes desencadear um processo transformador e dessa forma, entrando em contato com o vivido, puderam indicar dialogicamente à pesquisadora, quais os caminhos ou propostas para que este trabalhador de saúde seja melhor potencializado em sua função. Considera-se que atuar como facilitador do acesso ao vivido, permitindo a partir daí processos transformadores e geradores de crescimento nas pessoas envolvidas num estudo científico, seja o maior compromisso ético da pesquisa fenomenológica.

Outra pesquisa foi realizada por Guedes (2004) com o título “Psicologia Clínica e responsabilidade social empresarial: compartilhando idéia e práticas”. A autora entende que Responsabilidade social é o compromisso que cada pessoa tem com a sociedade e com a humanidade; as empresas têm se preocupado cada vez mais com este propósito, aumentando significativamente a quantidade de projetos de responsabilidade social empresarial desde a década de 90. Estes projetos pretendem criar condições para tornar socialmente ética e transparente a atuação das empresas junto à comunidade na qual estão inseridas. Esta pesquisa qualitativa de tipo participante se desenvolveu a partir da inclusão de uma psicóloga num projeto de responsabilidade social empresarial, tendo sido analisadas fenomenologicamente as vivências da mesma e dos voluntários do projeto com os quais ela conviveu e entrevistou. A pretensão foi descrever as possibilidades de atuação de psicólogos em projetos de responsabilidade social empresarial; e concluiu-se que são múltiplas tais possibilidades, sendo

algumas delas: facilitador de processos grupais; supervisor de grupo de voluntários; consultor do projeto; assessor do projeto; promotor de aconselhamentos e atendimentos psicológicos. Pode-se afirmar, ainda, que o psicólogo tem não só a função de promover a busca e a prática da ética como de facilitar e orientar os conflitos gerados em seu exercício.

O último estudo a ser apresentado foi realizado por Antunes (2005) intitulado “Experiência religiosa católica e desenvolvimentos pessoal: um estudo fenomenológico“. A autora entende que as construções qualitativas se convertem em recursos indispensáveis para se entrar em uma zona de sentido oculta pela aparência, o que é o caso da pesquisa relacionada à experiência religiosa e desenvolvimento pessoal. Através da fenomenologia, pode-se concluir que a experiência religiosa dos participantes esteve relacionada com o desenvolvimento pessoal num sentido de mudanças subjetivas que trouxeram como consequência, mudanças no comportamento dos entrevistados, os quais relataram sentir uma melhora na qualidade de vida.

Percebe-se, a partir das pesquisas citadas anteriormente, o quanto o Psicólogo está comprometido não só com o fazer ciência no sentido de reproduzir conhecimento. Para aqueles que trabalham com pesquisa fenomenológica, o fazer ciência é necessariamente um compromisso ético, pois não só retira informações de um sujeito que é tomado como objeto, mas pensa junto com ele, o inclui na pesquisa com verdadeiro colaborador e possibilita um processo mobilizador, a partir do acesso ao vivido.

BILIOGRAFIA

AMATUZZI, M.M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 13(1):5-10.

ANTUNES, T.A. (2005). Experiência religiosa católica e desenvolvimentos pessoal: um estudo fenomenológico. *Dissertação de Mestrado*. Campinas: PUC-Campinas.

CAMBUY, K. (2005). Vivências de trabalho de Agentes Comunitários de Saúde em Campinas. *Dissertação de Mestrado*. Campinas: PUC-Campinas.

GUEDES, B.F. (2004). Psicologia Clínica e responsabilidade social empresarial: compartilhando idéias e práticas. *Dissertação de Mestrado*. Campinas: PUC-Campinas.

HUSSERL, E. (2004). *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Paris: Gallimard.

MERLEAU-PONTY, M. (1992). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.

MERLEAU-PONTY, M. (1973). *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo, Saraiva.

ROGERS, C. & ROSENBERG, R. (1977). *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, EDUSP.

Mauro Martins Amatuzzi E-mail: amatuzzi2m@yahoo.com.br

Karine Cambuy E-mail: kcamb@uol.com.br

Bruna Fenocchi Guedes E-mail: bruguedes@uol.com.br

Thais de Assis Antunes E-mail: taantunes@uol.com.br